

Crise societal e turismo – o (re)caminho do global para o local

Paula Remoaldo

Professora Catedrática do Departamento de Geografia (Instituto de Ciências Sociais da
Universidade do Minho). ORCID: 0000-0002-9445-5465

A consciência da crise societal

Este pequeno ensaio almeja verter para o “papel” a leitura de uma geógrafa e cidadã, sem ambição de concretizar um texto de cariz científico. Como cientista social, assumo a obrigação do código deontológico que me é imposto, que dificulta a possibilidade de “esculpir” algo mais emotivo sobre um problema que atinge a vida de muitos cidadãos.

Como portuguesa, tenho assistido a várias crises em vários domínios da sociedade onde me integro. Ciente e consciente de algumas particularidades associadas geralmente ao povo português, e que José Gil (recorde-se a este propósito a sua obra *Portugal, hoje – O medo de existir*, de 2007) e outros filósofos e ensaístas portugueses têm insistido em denunciar, eis que, pela primeira vez, em 2020, sou confrontada, de forma quase síncrona, tal como todos os restantes 7.520.850.574 habitantes do planeta Terra (estimativa assumida pelo Population Reference Bureau na tarde de 4 de outubro de 2020¹), com uma nova força invisível e criadora de uma crise diferente.

É uma crise que foi apelidada de sanitária e que, pela primeira vez, manifesta o potencial de atingir todos os seres humanos num muito curto espaço de tempo. Uma crise sanitária que depressa conduziu a uma crise económica e social e que todos os dias reivindica a atualização do número de atingidos, quer em termos de doença COVID-19, quer em termos do número de pessoas em risco de desemprego e de pobreza. Uma crise que nos levou a constatar que não somos invencíveis e que chama a atenção para a necessidade de partilha e de solidariedade. Uma crise que contraria o período pós-moderno e trans-moderno, onde nos inserimos, em que muitos seres humanos alcançaram um significativo empoderamento em termos educacionais e de literacia em saúde, mas que os tornou também em seres pouco felizes, e que acreditam na sua quase invencibilidade.

Desta vez, sem termos certezas sobre a sua origem, surgiu um novo coronavírus (o coronavírus SARS-CoV-2), que inicialmente acautelou os mais jovens e que, pela sua difusão de forma quase exponencial, tem revelado novas dinâmicas, quer na sua composição quer na sua difusão e respetivos padrões espaciais, quer ainda nos seus impactes.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) e um elevado número de investigadores vão alertando para a possibilidade de virmos a ser fustigados por novas ameaças num futuro próximo. Uma das ilações que podemos retirar da atual pandemia da COVID-19 é que o risco de contrair COVID-19 tem sido desigual e que não estamos todos a correr o mesmo risco de contrair a doença. Os que possuem uma mais consistente literacia em saúde estão em situação menos vulnerável. O lugar onde residem também tem influência no acesso ao sistema de saúde, quando necessitam do mesmo, e a eficiência do sistema também desempenha um papel relevante.

¹ Ver www.prb.org

Mas como é que chegámos a este cenário? O risco de pandemias e as suas implicações em termos económicos e sociais tem sido enunciado por muitos investigadores e organizações internacionais, tendo sido habitualmente pouco escutados pela classe política. O World Economic Forum (2019, 2020) tem sido uma das instituições que tem insistido na erosão que se tem vindo a verificar da solidariedade internacional, que deveria constituir o alicerce da governança global (Remoaldo, no prelo-a; Remoaldo, no prelo-b). Acresce ainda a dificuldade em assumir os impactes das alterações climáticas mesmo sabendo-se que, entre outros efeitos, estas tendem a aumentar a incidência de doenças infecciosas (Remoaldo, no prelo-b).

A crise no turismo

Ainda que possuam particularidades que, em certas circunstâncias, os tornam mais vulneráveis em termos económicos e denunciem algum “medo” em acreditar nas suas potencialidades, os portugueses têm demonstrado uma elevada capacidade de resiliência e de adaptação às mudanças que vão ocorrendo em vários domínios da sociedade ocidental.

Na atividade turística, as particularidades do povo português, em competição com as de outras culturas, têm-se revelado positivas/únicas e têm possibilitado o desenvolvimento de inúmeros destinos. A hospitalidade, o culto tão recordado por António Barreto nos anos de 1990 de que os estrangeiros (os outros) devem ser usados como modelo (preferencialmente os mais difíceis de alcançar, como os povos do Norte da Europa), juntamente com as características da nossa paisagem e outros atributos histórico-culturais nacionais foram-se conjugando para termos assistido a um crescimento substancial do número de turistas.

Os dados mais recentes confirmam que, em 2019, Portugal recebeu 24,6 milhões de turistas, correspondendo a um crescimento de 7,9% face ao ano anterior (INE, 2020a). Tal constituiu um aumento superior ao evidenciado a nível internacional, que abrandou em 2019 (+3,8%), situando-se em 1,5 mil milhões de turistas (+54,0 milhões face ao ano de 2018) (INE, 2020a).

Felizmente, sobretudo na última década, aprendemos a acreditar nos nossos recursos e atrativos turísticos e a preservar o nosso património. Era notório o crescente reconhecimento por parte dos turistas que nos visitavam de outros países, mas os portugueses manifestavam alguma dificuldade em avaliarem de forma positiva o potencial patrimonial que possuíam e tiveram que realizar uma aprendizagem lenta. Recebemos, entretanto, vários prémios internacionais, estando entre eles o de melhor destino mundial, contribuindo de forma destacada as características da nossa paisagem, assim como da nossa cultura.

Entretanto, o ano de 2020 tem coincidido com uma crise acentuada global na atividade turística. Tal deriva do facto de ser um setor económico com fâcies globalizante e um poder amplificador, decorrente da relação que mantém com um número significativo de outros setores (por exemplo, transportes, restauração e hospedagem, animação

cultural). Em setembro de 2020, no relatório que nessa altura o INE publicou (2020b) foi confirmado que, em julho do mesmo ano, o setor do alojamento turístico registou 1,0 milhões de hóspedes e 2,6 milhões de dormidas. Estes dados corresponderam a variações homólogas de -64,0% e -68,1%, respetivamente, com uma recuperação em relação ao mês de junho (INE, 2020b). Não obstante, em termos homólogos, a hotelaria contribuiu mais para o decréscimo (-70,4% de dormidas), assim como os estabelecimentos de alojamento local (-65,5%), do que o turismo no espaço rural e de habitação (-22,7%) (INE, 2020b).

Concomitantemente, nos primeiros sete meses de 2020, os residentes em Portugal foram os que contribuíram mais para que a crise não fosse ainda mais profunda na atividade turística, já que a diminuição de 66,4% nas dormidas totais resultou de variações de -48,1% nos residentes e de -73,9% nos não residentes (INE, 2020b). Este facto denota a importância que o turismo doméstico passou a ter no período on-going da COVID-19, que deverá manter-se nos próximos meses.

O futuro que ambicionamos ... até para o turismo

Este subtítulo tem a sua pertinência em termos de escolha. O futuro que ambicionamos e que queremos... até para o turismo? O futuro que ambicionamos e pelo qual estamos dispostos a lutar? Ou o futuro que ambicionamos... até para o turismo, mas que dificilmente alcançaremos?

A geração à qual pertença, nascida na década de 1960, tem um papel determinante a desempenhar nesse futuro que ambicionamos alcançar. Vivenciámos um pequeno período de ditadura em Portugal e assistimos e participámos num já longo período de democracia, que nos deveria vincular a alguma maturidade cultural e social.

Os que têm uma vivência mais longa do que a minha podem já não ter possibilidade nem vontade de serem ativos na consecução desta ambição. Compreendo-os. Parte deles foram também ambiciosos e lutadores noutra período da sua vida.

Se os mais maduros podem não estar disponíveis para ou com dificuldades em o fazer, por seu turno, os jovens, que conseguem conectar-se e interagir de forma mais rápida do que as outras gerações, podem não ter outro futuro senão aquele pelo qual têm que lutar. Não obstante, mais do que nunca, precisam do suporte da nossa geração, pois pertencem a uma geração que necessita de algum tempo para amadurecer e até para aprender a lutar por causas sociais. Temos proporcionado, pela educação que lhes fomos facultando nas últimas décadas, que assim sejam.

Em tempos de crise pandémica, novas possibilidades se abrem. Aliás, a palavra crise pressupõe sempre um período antónimo, por vezes pouco preditivo, de bonança, de avanço, de crescimento, de progresso e até de desenvolvimento.

Ainda que o período de COVID-19 se prolongue no tempo, as pessoas vão continuar a viajar, com adaptações ao cenário existente e com diferenças para o crescimento que

a World Tourism Organization previa que acontecesse nos próximos anos, à escala global. Os jovens serão seguramente um grupo importante a considerar, até porque é baixo o risco de se confrontarem com consequências graves em caso de infeção por COVID-19, comparativamente com os mais velhos. A sua/nossa vivência assim o exige já que cada vez mais precisam/precisamos de pausas da nossa escravatura laboral, para descansar, refletir e encontrar novos significados para a nossa vida. A situação de anomia (recordada por Émile Durkheim) em que vivemos também exige que dediquemos alguma parte da nossa vida a viajar.

Paralelamente, continuaremos, em período de crise, a assistir a um movimento contrário ao de refúgio nas grandes cidades (ainda que seja prematuro afirmar qual será a sua real dimensão), a que se foi assistindo em muitos países, inclusive no nosso país. A densidade populacional foi aumentando e conduzindo à identificação de novos problemas associados às cidades, que, desde a sua origem, têm revelado características pouco positivas, ainda que não as queiramos identificar.

O eminente urbanista Richard Florida tem-nos ajudado, nos últimos anos, a fazermos uma reflexão sobre o papel das cidades no acentuar das desigualdades sociais. Depois de ter enaltecido, no início dos anos 2000, o papel das grandes cidades, reconheceu, em 2017, várias forças na nova crise urbana, destacando-se a segregação espacial, a gentrificação e as desigualdades de vária índole.

Por seu turno, as grandes cidades têm revelado que são mais vulneráveis no caso da difusão de doenças infecciosas. Como a relação ambiente-sociedade-ser humano tem vindo a alterar-se de forma muito rápida nas últimas décadas e como continuará nesse caminho, parece ter chegado a oportunidade dos espaços menos urbanizados, quer para viver quer para visitar. No caso da escolha de residência, isso pressupõe uma atitude disruptiva (porque pressupõe a rutura em várias dimensões da nossa vida), enquanto no caso da visita parece ser mais fácil de concretizar.

Se nos focarmos num segmento turístico pouco massificado, como é o caso do Turismo Criativo, Portugal poderá dar um contributo sustentado neste domínio a nível internacional. Este tipo de segmento tem crescido no nosso país, assim como noutros países do Sul da Europa, resultante do rico património material e imaterial existente e da saturação que atingiu o modelo de turismo cultural massificado (Remoaldo et al., 2019). O turismo criativo possibilita ao turista a descoberta do seu potencial criativo e a construção de experiências únicas e dificilmente repetíveis. Também é atenuada a relação desigual que costuma ser registada entre turistas e residentes, devido ao poder que é dado a estes últimos.

Os territórios de menor densidade poderão dar um bom contributo, ajudando a acautelar parte do rico património que está em risco de desaparecimento. O progressivo envelhecimento demográfico registado nesses territórios tem ajudado a que o risco aumente e seja cada vez mais real, mas ainda podemos recuperar parte do tempo perdido.

(Re)Caminhar do global para o local pode parecer um caminho difícil de ser trilhado, mas com parcerias (sempre difíceis de gerar) entre os vários stakeholders, começando pelos empresários e associações interessadas em desenvolver um turismo menos massificado, assim como um maior diálogo com as autarquias, o mesmo será menos penoso de fazer. Afinal, trata-se de proporcionar ao turista um contacto o mais genuíno possível com as suas raízes, fazendo-o sentir-se como um “local”, um cidadão do lugar que visita.

As universidades de quarta geração também têm um papel central a desempenhar nesta ambição. O que é que um professor universitário pode fazer? Qual é o seu papel? No caso da ciência geográfica, pode representar, mapear, procurar a “verdade territorial”, usar as tecnologias que temos ao nosso dispor. Por exemplo, fazer uso dos Sistemas de Informação Geográfica (SIG) e pôr em ação a respetiva vontade de encontrar e denunciar padrões e injustiças espaciais e até ajudar a prever o futuro é claramente exequível, tal como o fez há décadas o geógrafo Peter Gould (1993), aquando da análise da difusão de um outro vírus, o do VIH/SIDA e nos Estados Unidos da América. Os académicos, estando entre eles os geógrafos, também devem proporcionar uma maior participação da sociedade civil nas atividades que realizam, que aparecem muitas vezes demasiado centradas na comunidade científica. Todos os saberes devem e podem ser mais partilhados.

É aqui que entra também o importante papel das gerações mais jovens. Estas têm revelado um novo modo de vida e têm acusado os da nossa geração de sermos demasiado consumistas e de não acautelarmos o futuro do planeta.

As gerações mais jovens têm vindo a ganhar mais consciência de que têm que viver com menos recursos e bens materiais (apesar de estarem inseridas numa sociedade que instiga diariamente ao bem-estar individual), o que não equivale a dizer com menos qualidade de vida (este último conceito também tem sofrido alterações nas últimas décadas). Temos necessidade de tornar mais visíveis e mais eficientes as várias Greta Thunberg que começam a proliferar em Portugal. Neste sentido, tem que ser efetivado um contrato social entre as várias gerações e importa pôr no terreno uma governança nacional e regional mais sustentável.

Referências

Florida, R. (2017). *The new urban crisis. How our cities are increasing inequality, deepening segregation, and failing the middle class – and what we can do about it*. Nova Iorque Basic Books.

Gil, J. (2007). *Portugal, hoje – O medo de existir*. Lisboa: Relógio D'Água.

Gould, P. (1993). *The slow plague: a geography of the AIDS pandemic*. Oxford: Blackwell Publishers.

INE. (2020a). *Estatísticas do Turismo*. Lisboa.

INE. (2020b). *Síntese INE @ COVID-19, 25.º reporte semanal*. Lisboa.

Remoaldo, P., Matos, O., Freitas, I., Lopes, H., Ribeiro, V., Gôja, R. & Pereira, M. (2019). Good and not-so-good practices in creative tourism networks and platforms: an international review. In G. Richards & N. Duxbury (Eds.), *A research agenda for creative tourism* (pp. 167-181). Londres: Edward Elgar Publishing.

Remoaldo, P. (no prelo-a). Creative tourism: what is the role of urban and rural territories? In P. Remoaldo, O. Matos, V. Ribeiro & J. Alves (Eds.), *Tourism innovation and sustainability of territories: contribution of creative tourism in South Europe*. Berlim: Springer.

Remoaldo, P. (no prelo-b). Criatividade em turismo em período de pandemia COVID-19 – a ambição e o papel do local no global. In *A Universidade do Minho em tempo de pandemia, Tomo III*. Braga: Editora UMinho.

World Economic Forum (WEF). (2019). *The global risks report 2019*. Genebra: WEF. http://www3.weforum.org/docs/WEF_Global_Risks_Report_2019.pdf

World Economic Forum (WEF). (2020). *The global risks report 2020*. Genebra: WEF. http://www3.weforum.org/docs/WEF_Global_Risk_Report_2020.pdf